



Sam King Imperialism and the development myth: how rich countries dominate in the twenty- first century.

Manchester: Manchester University Press, 2021. 296 pp.

Marcelo Fernandes¹

1. Doutor pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professor do departamento de Economia da UFRJ. E-mail: mapefern@gmail.com.

DOI: 10.5752/P.2317-773X.2022v10n3p104-110

Recebido em: 28 de setembro de 2021
Aprovado em: 05 de dezembro de 2022

Imperialismo é um tema que ganhou proeminência novamente. Contribuiu para isso as promessas inalcançáveis da “globalização”, mas também os efeitos no sistema internacional da grande crise econômica de 2008 e atual guerra na Ucrânia. Desse modo, o livro de Sam King, *Imperialism and the development myth: how rich countries dominate in the twenty-first century* é uma contribuição importante. No livro, dividido em cinco partes em um total de dezoito capítulos, além da introdução e conclusão, o autor tentará demonstrar, com base principalmente em Lenin, que o imperialismo continua vigente e forte. Segundo King, nenhum país pobre, o chamado Terceiro Mundo, no qual a China se incluiria“(...) threaten to topple, replace, outcompete or overtake the imperialist states” (p.1).

O livro pretende explicar porque os países imperialistas conseguiram manter seu domínio durante décadas, e porque essa situação continuará vigente enquanto a estrutura do sistema atual permanecer ativa. Na visão do autor, o grupo dos países imperialistas continua praticamente o mesmo há pelo menos cem anos. Esses países estariam na Europa Ocidental, América do Norte, além do Japão, Austrália e a Nova Zelândia. King adiciona à lista Israel, Coreia do Sul, Hong Kong e Taiwan.

Na primeira parte, intitulada “Two worlds”, King examina o aumento da concentração da renda no denominado período neoliberal. Com dados do Produto Interno Bruto (PIB) em dólares, o autor analisa a divisão da renda global. Porém, olhando apenas o PIB não teríamos uma visão correta sobre a posição competitiva do capital de cada país no mercado internacional. A renda per capita seria uma maneira mais adequada de medição, e é assim que King define o Terceiro Mundo: países com renda per capita de até US\$ 15,700,00. Esses possuiriam 85% da população, mas somente 38% da renda global. Com dados de 2016, o autor mostra que mesmo a Espanha (renda per capita de \$25,835), o mais “pobre” dos países imperialistas possui uma renda per capita maior que os mais “ricos” países do Terceiro Mundo, como Argentina e Chile.

Já na primeira parte, King dedica uma seção tentando demonstrar que o crescimento a China foi menos espetacular do que se imagina quando comparado aos países que formam o campo imperialista. Embora, o crescimento tenha realmente sido espantoso (em 2015 o PIB era quase 20 vezes maior que 1980), quando se analisa a renda per capita ficaria claro que o país ainda está distante do campo imperialista, e assim deverá se manter durante muito tempo.

Na segunda parte, “Contemporary Marxist analysis”, King lembra que durante o século XX ocorreram duas ondas a favor da luta anti-imperialista desencadeadas pela primeira e segunda guerra mundiais. A análise de Lenin sobre o imperialismo seria o resultado desta primeira onda, e a independência de países como China e Índia seria o produto da segunda onda. A segunda onda também faria com que a questão do desenvolvimento ganhasse força. Na América Latina países como Brasil, México e Argentina alcançaram a industrialização pelo processo de substituição de importações.

Ainda na segunda parte, utilizando o *Imperialismo* de Lenin, King faz uma crítica oportuna a alguns autores marxistas com influência no debate entre os intelectuais; em especial, Bill Warren que teria uma visão pró-imperialista. Uma série de livros sobre o imperialismo foi publicada desde 2012 motivados, segundo King, pela oposição à exploração econômica imperialista do Terceiro Mundo. Porém, “(...) no writer has yet resolved the most important issue – exactly how the labour process itself is controlled in ways that reproduces imperialist monopolistic supremacy via capitalist commodity production”. (p.66)

Na terceira parte, *Lenin’s theory of imperialism and its contemporary application*, King lembra que para Lenin a agressão imperialista era uma tendência inerente do sistema capitalista no novo estágio. E que para descrever este novo estágio, Lenin utilizaria alguns termos: “Monopoly finance capital’ (which he variously abbreviated as ‘monopoly capital’, ‘finance capital’ or simply ‘imperialism’) was the key concept Lenin advanced”. (p.85).

O autor afirma que ao investigar o imperialismo Lenin teria três objetivos políticos. Primeiramente, mostrar que a guerra mundial foi uma guerra de anexação e pilhagem. Em segundo, que os argumentos teóricos de Karl Kautsky obscureciam as contradições do imperialismo. E em terceiro lugar que haveria uma tendência oportunista e pró-imperialista no movimento proletário dos países capitalistas avançados. Conforme King, “Lenin sought to achieve the first two objectives by proving the scientific validity of the concept of ‘monopoly finance capital’ as capitalism’s highest and last possible stage” (p.86).

King vai mostrar que o trabalho de Lenin se baseia em um marxismo ortodoxo e que seu conceito de “capital financeiro monopolista”, seria aderente à estrutura estabelecida por Marx em *O Capital*. Então, King lista alguns pontos que ele considera uma caricatura do pensamento de Lenin. A primeira, exportação de capital, seria uma das mais caricaturadas, inclusive por autores simpáticos a Lenin. A ideia é que Lenin concluiu que a exportação de capital seria a principal característica do capitalismo moderno ou que o imperialismo seria essencialmente uma relação eco-

nômica centrada na necessidade de exportação de capital. King afirma que, embora a exportação de capital seja importante, não seria o “the lynchpin” na teoria de Lenin. O autor lembra que dentre a lista das cinco “características básicas” do imperialismo, é o monopólio, como o próprio Lenin destacou, que aparece como a principal. Outra caricatura seria que Lenin apresentou o imperialismo como sinônimo de colonialismo ou que o colonialismo seria vital ao imperialismo. Lenin enfatizou esse ponto, pois existiam diversas colônias no momento em que ele escrevia. Porém, das cinco características mencionadas por Lenin, o colonialismo nem sequer é mencionado. A quinta característica apresentada por Lenin, ‘(5) the territorial division of the whole world among the biggest capitalist powers is completed’, engloba mais do que as colônias. De fato, ao contrário de Bukharin, Lenin se opôs à ideia de que a autodeterminação das nações seria impossível sob o imperialismo.

A obra possui um capítulo discutindo (capítulo 6) o que Lenin entendia como “estágio superior do capitalismo”. King vai mostrar que ele não estaria assumindo o colapso iminente do capitalismo, porque foi assim que alguns autores entenderam o conceito de “parasitic decaying capitalism” (p.96). Segundo ele, Lenin se referia a um conceito específico exposto por Marx no volume 3 do *Capital* quando escreveu “‘highest stage’ of capitalism” (p.97). Nesta obra Marx analisa características do capitalismo que se tornariam dominantes no começo do século XX. Características como a sociedade por ações, percussora das multinacionais; a separação da propriedade do capital das funções gerenciais no processo imediato de produção; os monopólios; o surgimento de uma “aristocracia financeira” e; parasitismo na forma de rentistas. A caracterização de “capitalista financeiro” não estaria relacionada com o fato de tal propriedade estar ou não no setor financeiro.

Lenin irá mostrar que o capitalismo em sua época já teria alcançado um grau de socialização que trouxe consigo características que se tornaram marcantes. Portanto, o “estágio superior” refere-se ao mais alto desenvolvimento possível das relações sociais de produção antes da revolução social. A oligarquia financeira, que vive do rentismo, alcançou um poder inédito no estágio imperialista. Este seria o sentido histórico, diz King, do rentier citado por Lenin.

Um ponto importante destacado na obra é que os termos “capital financeiro”, “capital monopolista” e “capital financeiro monopolista” seriam usados de forma alternada no *Imperialismo*. No entanto, os oponentes marxistas de Lenin normalmente selecionam o termo “capital financeiro” para o criticar. A predileção pelo termo “capital financeiro” se relacionaria a uma caricatura comum: a de que o “capital financeiro” seria entendido da forma mais usual como o termo é entendido, isto é, com os bancos, finanças, seguradoras etc. Porém, isso deixaria nebuloso o que Lenin queria dizer com o conceito de “estágio superior do capitalismo”. Por exemplo, suas palavras sobre o parasitismo seriam normalmente interpretadas como pertencentes a apenas uma parte da burguesia ligada ao setor financeiro. Entretanto, diz King, “to attribute this position to Lenin contradicts what Lenin actually wrote. He unambiguously endorses Hilferding’s observation of the increasing closeness of banking and industry. He defines finance capital as their ‘coalescence’”. (p.103).

Segundo King, Lenin teria enfatizado a dominação monopolista do processo de trabalho; isto é, a produtividade do trabalho na produção de mercadorias por meio da sistemática aplicação da pesquisa e desenvolvimento científico (P&D), isto é a intensificação monopolista por meio da revolução nos meios de produção. A mão-de-obra de alto nível e o trabalho científico estariam cada vez mais concentrados nos Estados imperialistas. Assim, a superioridade técnica do monopólio é fundamental na análise. Pois, seria assim que ele consegue usurpar parte do lucro de outras empresas. Esse seria o sentido do porque o capital monopolista é parasitário, conforme King.

Na quarta parte, ‘Monopoly and non-monopoly capital: the economic core of imperialism’, King buscará aplicar a teoria desenvolvida por Lenin e sua interpretação ao atual período denominado neoliberal. Conforme o autor, o eixo econômico mais essencial no neoliberalismo seria o monopólio imperialista sobre o processo de trabalho. Os avanços tecnológicos teriam permitido às multinacionais se especializarem apenas nos processos de trabalho mais avançados e explorar a mão de obra barata que entrou na oferta mundial desde os anos 1980, em particular da China.

A divisão do trabalho entre capital monopolista e capital não monopolista seria tanto cooperativa quanto complementar. Entretanto, sua característica distintiva seria que ela é hierárquica e polarizada. A especialização do Terceiro Mundo na fabricação de mercadorias faria com que os países ricos se direcionassem para criação de conhecimento e invenção. Isso significaria dizer, e King chama a atenção para um estudo da UNCTAD de 1999, que mesmo países do Terceiro Mundo que exportam mercadorias manufaturadas estariam numa situação desvantajosa.

King aponta também que a modernização e especialização na produção de alta tecnologia nos países ricos tem sido auxiliada pelos insumos baratos nas economias do Terceiro Mundo. Isso reduziria o valor da força de trabalho nos países imperialistas, além de fornecer todos os tipos de componentes e serviços baratos, aumentando seus lucros e ajudando a financiar a atualização tecnológica nos países ricos. King assume que a chinesa Huawei seria uma empresa capaz de se transformar em uma empresa nos moldes dos países imperialistas, mas seria uma exceção. Ademais, os monopólios conseguem resistir à pressão baixista sobre seus preços. O mesmo não ocorre com as empresas do Terceiro Mundo, em qual avanços tecnológicos pressionariam pela redução de preços. (p.165) Os capitais do Terceiro Mundo, isto é capital não monopolista, poderiam atingir certa forma de monopólio, porém, ainda assim estariam numa posição “dependente e subordinada”.

Quanto ao Estado, King acredita que este cresceu em importância, ao contrário do que pensam os teóricos da “globalização” que tendem a omitir a importância do poder estatal. Atualmente o processo de produção alcançou uma escala e complexidade tão elevadas que para atender suas necessidades e manter seu desenvolvimento seria necessária uma quantidade de recursos que somente podem ser satisfeitos com a liderança do Estado imperialista.

Na parte V, “China: Third World capitalismo par excellence”, King vai enfrentar a questão que considero mais inglória. Não é tarefa fácil provar que a China não apenas não é socialista – socialismo de mercado,

como dizem os chineses – mas que também seria um país do Terceiro Mundo. A China seria uma economia com características do modelo de industrialização “exported-oriented” e com a cooperação de importantes multinacionais. No período neoliberal o país se tornou uma forte exportadora de computadores e equipamentos de telecomunicações, afastando-se dos processos mais simples do trabalho. O problema, segundo King, seria que nas estatísticas convencionais a produção de TVs, teclados e outros de itens baratos seriam equivocadamente contados como “alta tecnologia”. Além disso, o aparente monopólio da exportação de iPhones da China diria muito pouco sobre o nível tecnológico dos produtores, pois a localização da montagem de uma mercadoria avançada seria inadequada para medir o nível tecnológico da mão-de-obra. Uma visão mais realista deveria considerar os locais onde são realizados os vários estágios intermediários dos processos de trabalho para produção da mercadoria.

O enorme estoque de reservas internacionais da China (superior a US\$ 3 trilhões), em grande parte dívida soberana dos Estados Unidos, seria apontado como uma prova de sua ascensão. O autor relativiza isso ao lembrar que, as reservas internacionais aumentaram substancialmente nos países do Terceiro Mundo – e não somente na China – desde a crise asiática de 1997-98.

King acredita que o grau de desenvolvimento alcançado pela China decorre em parte da revolução socialista. Em particular, a revolução conseguiu construir uma enorme força de trabalho educada e disciplinada. Assim, o país pôde se beneficiar do avanço da especialização global do trabalho, possibilitando a entrada de centenas de milhões de novos trabalhadores chineses na produção para o mercado mundial. O poder político do PCCh, herança da revolução, deu mais autonomia à China em comparação a outros países do Terceiro Mundo, como atestariam o controle estatal dos bancos de investimentos.

King avalia que o que povo chinês infligiu ao imperialismo uma derrota em 1949 que ainda afetaria os ideólogos da classe dominante norte-americana. O autor também assume que a China tem ganhado força em certos setores e os Estados Unidos e seus aliados imperialistas buscam conter este avanço. Entretanto, suas ambições estariam superestimadas. O *Belt and Road Initiative*, não seria uma forma de criar as condições da China submeter certos países ao chamado *debt-trap diplomacy*, e sim a maneira que ela encontrou para realizar investimentos mais lucrativos no exterior. Ao tratar do poderio tecnológico da China, King tentará mostrar que exceto nas áreas espaciais e 5G em que a Huawei se tornou alvo dos países ricos, não existiria uma ameaça ao imperialismo.

Ao revisitar os principais pontos da análise do imperialismo, King deixa claro a atualidade do pensamento de Lenin. Este é o grande mérito do livro. King também coloca corretamente que a investigação de Lenin deriva diretamente de Marx, e critica acertadamente a superestimação que diversos autores fazem quanto à influência de Hobson, Hilferding e Bukharin sobre a obra de Lenin.

Entretanto, há pontos questionáveis. O recorte por renda per capita para separar os países imperialistas (aqueles que possuem renda a partir de US\$ 25,001) dos países do Terceiro Mundo faz com ele caia num certo

economicismo. Por este recorte até Puerto Rico entra no grupo dos países imperialistas, ainda que King não o cite. Além disso, embora seja verdade que a Paridade de Poder de Compra (PPC) tenha seus problemas, isso não elimina aqueles que a medição em dólar também traz, como o próprio King parece reconhecer ao mencionar a questão das flutuações das moedas. É importante lembrar que a China pratica desde pelo menos os anos 1990 uma política cambial que mantém o renminbi desvalorizado, tanto que sofre de Washington acusações de práticas comerciais predatórias. Por exemplo, em maio de 2019 o Secretário do Tesouro do governo Trump, Steven Mnuchin, baseado na *Omnibus Trade and Competitiveness Act* de 1988, definiu que a China manipulava o câmbio.

Não existem dúvidas sobre o poderio militar dos Estados Unidos e sua superioridade sobre a China. Mas King vai além e aponta que a força aérea de Taiwan, fruto da aliança com Washington, impediria uma tentativa de reincorporação da Ilha pela China. Ou seja, King parece sugerir que, como Taiwan é imperialista, dada a sua renda per capita, seu poder militar teria que estar condizente com este status. Logo, podemos perguntar porque o atual governo anti-Pequim de Taiwan não declara sua independência. Não declara porque talvez tenha lido a informação publicada pelo “Financial Times” (10/16/2021) de que a China desenvolveu uma aeronave que plana e atinge uma velocidade equivalente a cinco vezes a velocidade do som, podendo levar ogivas nucleares. Uma aeronave com uma tecnologia que nenhum outro país conseguiu desenvolver ainda. Taiwan alcançou algo excepcional ao se transformar no maior produtor de semicondutores do mundo; mas isso não poderá salvá-la de uma chuva de mísseis balísticos em seu território. Isso também não transforma a China num país imperialista, porém evidencia os equívocos que uma análise economicista pode trazer ao debate.

Teria ajudado se King tivesse dado alguma atenção o conceito de desenvolvimento desigual, fundamental em Lenin, e que na obra nem sequer é citado. Este conceito demonstra que a estabilidade do sistema é impossível, pois o desenvolvimento desigual provoca mudanças na correlação de forças entre as nações, com a tendência de erosão do poder do centro em relação a novos núcleos de poder com maior dinamismo econômico. Isso pode ser bem observado justamente no caso da China que viu seu crescimento se acelerar com investimentos de multinacionais estrangeiras; que é decorrência das exportações de capitais que, embora não se possa exagerar sua importância na obra de Lenin, como bem aponta King, também não se pode menosprezar seus impactos sobre as economias nacionais receptoras. Isso veio acompanhado também de sua ascensão financeira. O renminbi ainda ocupa um espaço restrito no sistema internacional, mas o governo chinês vem fazendo acordos econômicos sem a utilização do dólar, permitindo que países, como a Rússia, reduzam os efeitos dos embargos econômicos promovidos pelo imperialismo.

Também vale mencionar o papel do Estado. Em Lenin está evidente que o capitalismo não pode funcionar sem o Estado. Como não existe um governo global, o capital não pode expandir além de suas fronteiras sem o apoio de seus respectivos Estados nacionais. A internacionalização do capitalismo se dá via Estado e pela via das armas se for preciso.

Portanto, a posição de Taiwan e outros países que, pela renda per capita, estariam no grupo de países imperialistas, é frágil em parte pela forte dependência militar e diplomática de outros países.

A ascensão de novos polos de poder está modificando a estrutura do sistema internacional e precisa ser considerada como ficou claro com a “Declaração Conjunta” lançada em 7 de fevereiro de 2022 pela Rússia e China, propondo uma refundação da ordem mundial estabelecida desde o fim da guerra fria. Não é pouca coisa, ao contrário do que parece entender King.